

HENRY MILLER

NA TERRA DOS DEUSES

A viagem à Grécia não só mudou o escritor americano como foi matéria para o que acreditava ser o seu melhor livro.



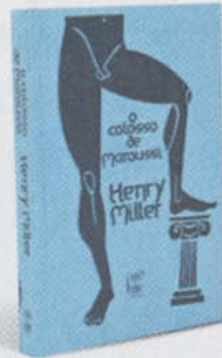
Cláudio Calmon/Imagem/Barbosa/Getty Images

Uma década (ou quase) após instalar-se em Paris, ainda como um desconhecido aspirante a escritor, sem eira nem beira, Henry Miller (1891-1980) deixou a capital francesa, em julho de 1939, nas vésperas da eclosão da guerra, encerrando um capítulo importante da sua vida, onde se firmou como um legítimo continuador de uma tradição americana que entronca em Emerson, Thoreau e Whitman. «Tenho agora a noção de que a arte, à semelhança da religião, é apenas uma preparação, uma iniciação para se viver a vida», ou seja, «a mestria de qualquer forma de expressão deveria conduzir inevitavelmente à expressão derradeira – a mestria da própria vida». Viaja para a Grécia, onde permanece até ao final desse mesmo ano, quando é intimado a partir. Um ano depois começa a escrever *O Colosso de Maroussi* (Tinta-da-china, trad. Raquel Mouta). Esta segunda edição portuguesa substitui a há muito esgotada da Livros do Brasil (1996). O livro impressionou de tal modo Edmund Wilson que este

disse ser «provavelmente diferente de tudo o mais que alguma vez se escreveu antes» sobre o tema. Na nota final, citando uma carta do seu amigo Durrell, temos mais uma achega ao retrato de Katsimbali, o colosso que dá título ao livro, esse portento histriónico, no episódio a que se pode chamar «Os galos da Ática». A narrativa é prodigiosa, tal a profusão de sensações que provoca ao leitor, transportando-o para um lugar sem tempo, onde os deuses deixaram um rasto de sombras: «A Grécia é o berço dos deuses; podem já ter desaparecido, mas a sua presença ainda se faz sentir. Os deuses tinham proporções humanas: foram criados pelo espírito humano.» A viagem resulta numa transformação que o autor assume sem reboço: «A luz da Grécia abriu-me os olhos, entrou-me pelos poros dentro, expandiu todo o meu ser.» E depois de visitar uma certa ruína, confessa: «Desse dia em diante, passei a dedicar a minha vida à recuperação da divindade do homem.» Sensitivo e inquieto, Miller observa com os sentidos da pele:

«Em cada lugar, abro um veio novo de experiência, como mineiro que escava mais fundo na terra, para se aproximar do coração da estrela que ainda não se extinguiu.» Sente que «a luz já não é solar nem lunar; é luz estelar do planeta a que o homem deu vida». E sabe que «o sol é o homem que luta para ascender a outra luz». A paisagem é motivo de continuado espanto, igual ao que desfruta numa visita ao observatório de Atenas, onde contempla as estrelas e constelações distantes e os planetas do sistema solar. Mas também as pessoas, cada uma delas trazendo em si mesmas um pedaço de uma chispa ou pulsação luminosa. Miller é exímio em arrebatamentos e descrições que tornam presentes e dão vida às ruínas de um passado mítico, imaginado e esquecido. É uma linguagem de paixão, porque apenas um apaixonado pela vida a pode exibir sem pudor, antes com a candura de quem nada sabe, mas compreende o que está atrás do véu da sombra, ou do silêncio, a que estavam obrigados os que participavam nos Mistérios de Elêusis. De Corfu a Cnossos, de Hidra a Delfos, de Faistos a Esparta, de Corinto a Atenas, seguimos a deambulação, ora por terra ora por mar, de quem procura – numa pausa inesperada, no centro de uma transformação sem regresso, que a guerra começava a impor como uma mancha de óleo viscoso e saturnino – uma resposta a uma pergunta essencial, aquela da Esfinge, mesmo que venha da boca de um adivinho arménio, das tiradas imaginárias de Katsimbali, das refeições, conversas e libações noite fora com o poeta Seféris, futuro Prémio Nobel, e muitos outros amigos, dos mergulhos no mar e das encostas banhadas de sol, dos inesperados encontros com a atmosfera assustadora ou jubilosa de lugares míticos: «Na Grécia, tem-se a sensação plena e constante da eternidade que se exprime no aqui e no agora», porque os gregos «deram corporalidade a tudo, conseguindo assim encarnar e imortalizar.» José Guardado Moreira

REVISTA VISÃO, DEZEMBRO DE 2011



O Colosso de Maroussi

HENRY MILLER

Tinta-da-China

288 págs., €17,90

Estamos longe da produção milleriana mais conhecida, transgressora e carnal. Inspirado por uma vívida descrição feita por uma mulher em Paris, Henry Miller empreende uma viagem por duas Grécias: a da sua época e a da antiguidade. Acaba rendido aos afetos e histórias, muitas delas contadas por Katsimbali (o colosso do título), e à demanda helénica pelo heroísmo desaparecido. Um livro oportuno face à Grécia dos noticiários...

O Colosso de Maroussi

★★★★★

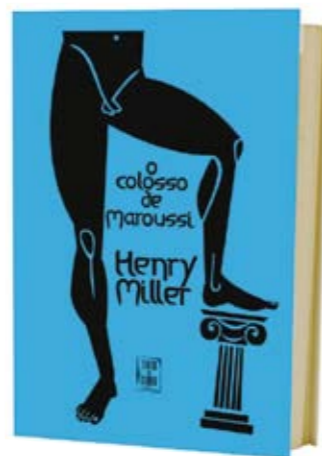
Henry Miller

Tinta da China, 17,90€

Ninguém ficará surpreendido com o facto de este livro se iniciar com uma descrição da Grécia feita por uma mulher, e menos ainda com o facto de ser por causa disso que Henry Miller decide deixar Paris e embarcar na sua aventura grega. Mas o que se segue está muito longe das aventuras de cama que tornaram Miller famoso entre os que conhecem apenas uma parte do que escreveu.

Iniciada em 1939, pouco antes de deflagrar a II Guerra, a viagem que aqui se regista é desordenada, pouco planeada e construída ao sabor dos encontros, dos novos conhecidos e dos copos e comezainas que o autor vai experimentando. Instalado em casa do amigo e escritor Lawrence Durrell, Miller explora os campos gregos, as ruínas que testemunham a gloriosa herança helénica e as ruas caóticas de Atenas, mas é na comunhão com os elementos naturais e na observação desarmada dos gregos que se joga a grandeza discursiva e a revelação

emocional que aqui se operam. Apontado pelo autor como o seu melhor livro, *O Colosso de Maroussi* é um louvor constante à terra que Miller descobre em agitada comoção, absorvendo a herança histórica e os gestos imemoriais, o túmulo de Agamenon e os pastores de cabras, a Acrópole e a ingestão da alcoólica *retsina*, tudo no mesmo patamar. E depois há o Colosso, epíteto atribuído a Katsimbali, o poeta que Miller conhece através de um amigo de Durrell e que produz nele um fascínio tal que acaba por dedicar-lhe o livro da sua epifania grega, uma odisseia onde deuses e humanos bebem do mesmo copo. *Sara Figueiredo Costa*



O COLOSSO DE MAROUSSI

Henry Miller

Tinta da China, 2011, trad. de Raquel Mouta, 288 págs., €17,90

Livro de viagem

Quando tanto se fala da Grécia — e não pelas melhores razões —, é com redobrado prazer que se regressa a este livro de Henry Miller, publicado originalmente em 1941, relato de uma viagem que o escritor fez à pátria dos deuses, em 1939, a convite de um outro colosso das letras, Lawrence Durrell. A última edição em português datava de 1996, e a Tinta da China disponibiliza-o agora de cara lavada, na sua belíssima coleção dedicada às viagens (coordenada por Carlos Vaz Marques). Bem menos conhecido do que os livros eróticos de Miller, "O Colosso de Maroussi" foi considerado pelo próprio como o seu melhor trabalho, um "livro alegre". Tudo começa quando Betty Ryan, uma rapariga com quem ele partilha casa em Paris, o convence, pela sua descrição da Grécia, a aceitar os insistentes convites de Durrell — a viver, então, em Corfu. O livro, dionisiaco, viagem interior e exterior, introspeção e encantamento, reflexão e narrativa, transporta-nos pelo espaço físico das ilhas, dá-nos a conhecer as personagens com quem Miller se vai cruzando (nomeadamente, o poeta George Katsimbali, o colosso do título) e expõe aquele mundo contraditório de luz, paixão, confusão e caos, contrastando-o com a lógica fria do progresso, concebido, sobretudo, como "mais máquinas, mais eficiência, mais capital, mais comodidades". Fascinado e enredado no excesso grego, Miller regista a "paz que ultrapassa toda a inteligência", aquela que, "sendo uma vitória, é uma vitória peculiar, pois baseia-se por completo na rendição". Visão que enquadra, antecipando, o retrato que George Wickess faria do escritor, em entrevista da década de 60: "Um monge budista que engoliu um canário."

Ana Cristina Leonardo

ESCOLHAS DE LUÍS M. FARIA

É suposto as notícias serem más. A crise geral do país arrasta consigo a do livro, com quedas no sector superiores às do ano passado. Fala-se num número próximo dos 5 por cento. Em tais condições, assumir o lançamento de obras como, por exemplo, a "Nova História da Filosofia Ocidental" poderá começar a ter algo de heroico. Esperemos que compense. Editoras como a Relógio D'Água, a Esfera dos Livros, a Tinta da China e as Edições 70 — são nomes ao acaso, há muitos mais — continuam a editar obras ambiciosas, produzidas com dignidade, que acrescentam ao património intelectual português. Claro que isso não impede a queda real do mercado, mais grave numas editoras (ou grupos, pois deles se justifica cada vez mais falar) do que noutros, e só ligeiramente compensada por algumas excursões no estrangeiro, nomeadamente Brasil. Positivo, além das edições em si, é o facto de alguém que pertence ao mundo dos livros ter sido nomeado para a pasta da Cultura. É o facto de o IVA ainda se manter a 6 por cento.

MIDDLEMARCH

George Eliot

Relógio D'Água

VIDA E DESTINO

Vassil Grossman

Dom Quixote

TROTSKY

Robert Service

Alêtheia

FASCISTAS

Michael Mann

Edições 70

A EVOLUÇÃO DE DEUS

Robert Wright

Guerra & Paz

MEMÓRIAS DA II GUERRA MUNDIAL

Winston Churchill

Texto

AUTO-DE-FÉ

Elias Canetti

Cavalo de Ferro

NOVA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL

Anthony Kenny

Gradiva

O COLOSSO DE MAROUSSI

Henry Miller

Tinta da China

HISTÓRIA ECONÓMICA DE PORTUGAL

Leonor Costa, Susana Miranda, Pedro Lains

Esfera dos Livros

ESCOLHAS DE JOSÉ GUARDADO MOREIRA

No ano em que a mancha negra da peste ortográfica começou a invadir as capas e as páginas dos livros, mais alguns títulos a reter: "Contos dos Subúrbios", de Shaun Tan (Contraponto); "Purgatório", de Tomás Eloy Martínez (Porto Editora); "Terno Bárbaro", de Bohumil Hrabal (Teodolito); "O Epigrama de Estaline", de R. Littell (Civilização); "A Paixão de Schopenhauer", de C. Poschenrieder (Saída de Emergência); "Contos Carnívoros", de Bernard Quiriny (Ahab); "Contos Reunidos", de F. Hernández (Oficina do Livro); "Contos Completos", de García Márquez (Dom Quixote); "Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa", organização de Luís Filipe Silva (Saída de Emergência). Dois livros de António Barahona: "O Som do Sopro" (Poesia Incompleta) e "Raspar o Fundo da Gaveta e Enfunar Uma Gávea" (Averno). Ainda "iPlatão", de Mark Vernon (Clube do Autor), e "Voltar a Ler os Clássicos", de Roger-Pol Droit (Temas e Debates). E, para desopilar, "Sermões", de O Meu Pipi (Tinta da China).

OS INFINITOS

John Banville

ASA

DOIS AMIGOS

Kirmen Uribe

Planeta

MATADOURO CINCO

Kurt Vonnegut

Bertrand

VICTORIA

Knut Hamsun

Cavalo de Ferro

A MEMÓRIA DO FOGO

Eduardo Galeano

Livros de Areia

CLEÓPATRA

Stacy Schiff

Civilização

O COLOSSO DE MAROUSSI

Henry Miller

Tinta da China

ALVO NOTURNO

Ricardo Piglia

Teorema

POESIA COMPLETA

Manoel de Barros

Caminho

O LIVRO DOS LIVROS

A.C. Grayling

Lua de Papel